

LITERATURA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: CRITÉRIOS DE ESCOLHA DAS OBRAS

LITERATURE IN SCHOOL OF CHILDREN EDUCATION: CRITERIA OF CHOICE OF BOOKS

LITERATURA EN LA ESCUELA DE EDUCACIÓN INFANTIL: CRITERIOS DE ELECCIÓN DE LAS OBRAS

Marcia Machado de LIMA¹

RESUMO: As entrevistas realizadas com professoras de oito escolas públicas de Educação Infantil de Porto Velho, Rondônia, que admitem ler obras literárias para seus alunos, revelaram os critérios de escolha utilizados. Com base na localização dos sujeitos nos cenários nos quais frequentemente fazem as escolhas dos livros, inicialmente e, em seguida, no cruzamento entre as práticas de leitoras e as práticas pedagógicas de leitura em sala de aula, foi possível, através das comparações realizadas, perceber o que entra em jogo e, efetivamente, funciona como o critério de escolha as obras lidas para as crianças pequenas no universo pesquisado. Os resultados apontaram que os critérios principais são a presença de ilustração, tratar-se de obra convencionalmente escrita para público infantil e permitir a atividade lúdica que favoreça o aprendizado do sistema de escrita. Os resultados também permitiram perceber que há relação bastante próxima do repertório e das práticas de leitura das professoras e os critérios de escolha utilizados.

Palavras-chave: Educação Escolar. Educação Infantil. literatura na escola. critérios de escolha.

ABSTRACT: The interviews conducted with teachers from eight public preeschools in Porto Velho, Rondônia, who admit to reading literary works for their students, revealed the selection criteria used. Based on the location of the subjects in the scenarios in which they often make the choices of the books, initially, and then on the intersection between the practices of readers and the pedagogical practices of reading in the classroom, it was possible, through the comparisons made, to perceive what comes into play and, indeed, works as the criterion of choosing the works read for the small children in the universe searched. The results pointed out that the main criteria are the presence of illustration, be a work conventionally written for children and allow the play activity that favors the learning of the writing system. The results also allowed us to perceive that there is a very close relation to the repertoire and the reading practices of the teachers and the selection criteria used.

Keywords: School Education. Child education. Literature in school. Criteria of choice.

RESUMEN: Las entrevistas realizadas con profesoras de ocho escuelas públicas de Educación Infantil de Porto Velho, Rondônia, que admite leer obras literarias para sus alumnos, revelaron los criterios de elección utilizados. En base a la ubicación de los sujetos en los escenarios en los que a menudo se hacen las elecciones de los libros, inicialmente y luego en el cruce entre las prácticas de lectoras y las prácticas

¹ Doutora em Letras/UNESP- Campus S.J. Rio Preto. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Educação, Professora do PPGEE em Educação Escolar - Universidade Federal de Rondônia- Campus Porto Velho. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários – UNIR/CNPq. marcia.lima@unir.br

pedagógicas de lectura en el aula, fue posible, a través de las comparaciones realizadas, percibir lo que entra en juego y, efectivamente, funciona como el criterio de elección de las obras leídas para los niños pequeños en el universo investigado. Los resultados apuntaron que los criterios principales son la presencia de ilustración, tratarse de obra convencionalmente escrita para público infantil y permitir la actividad lúdica que favorezca el aprendizaje del sistema de escritura. Los resultados también permitieron percibir que hay relación bastante cercana al repertorio y las prácticas de lectura de las profesoras y los criterios de elección utilizados.

Palabras clave: Educación Escolar. Educación Infantil. Literatura en la escuela. Criterios de elección.

Introdução

O trabalho educativo na educação infantil requer do professor a mobilização de conhecimentos variados no âmbito didático, para além das exigências relacionadas à organização do trabalho pedagógico. A escola dos pequenos exige que potencialize a docência considerando que atua no momento inicial da educação básica, marcado pelo jogo, pela brincadeira. Precisa atender ao desafio propondo situações de aprendizagem que se concretizem na construção, pelos alunos, de saberes vistos como tais e não como tempo prévio aos aprendizados “de fato”. A leitura de obras literárias pode ser abordada como conteúdo de ensino na educação infantil, impregnado de seus traços estéticos e culturais, inclusive sem retirar do foco a sua relação com os processos de humanização mesmo quando o leitor ainda é aquele que inicia seu percurso escolar. O professor, nessa linha, tem as chances de mobilizar e cumprir seu papel de mediador de leitura, principalmente, poderá responder ao desafio contemporâneo de reconhecer a escola de educação infantil como *locus* de cultura.

Isto posto, uma pergunta começou a tornar-se relevante: quais critérios são utilizados pelos professores para a seleção das obras a serem lidas às crianças pequenas nas escolas de educação infantil? Apresentaremos os resultados das entrevistas com um grupo de dezenove professoras de escolas da rede pública municipal de educação infantil de Porto Velho, Região Norte do país: os cenários e as razões que levam à escolha de uma obra. As participantes foram convidadas porque, em uma consulta ampla, admitiram ler para seus alunos. Se, especificamente, focalizamos os critérios utilizados por elas para a escolha dos livros, procuramos entabular a conversa sem perdermos de vista suas práticas de leitoras. Em última instância, não perderemos de

vista as implicações estéticas e culturais do leitura literária na escola de educação infantil.

A relação das professoras com a leitura e com a literatura

As entrevistas com as professoras trouxeram para a conversa os cenários nos quais os livros são escolhidos: seriam circunscritos aos tempos em que permanecem na escola, em atividades de planejamento ou fariam parte de cenários mais complexos, envolvendo de modo geral suas práticas leitoras? Dito de outro modo, a escolha da literatura a ser lida para as crianças pequenas é feita em atenção ao cumprimento de objetivos escolares ou, extrapolando esta necessidade, demonstra a intenção em engendrar práticas que amplie as possibilidades de a escola cumprir seu papel de *locus* de cultura?

Inicialmente, ao perguntarmos se liam e se liam literatura não obtivemos uma resposta unânime. Dentre as dezenove professoras, sete posicionaram-se como leitoras mas de gêneros não-literários como jornal impresso, revistas, livros de receitas e também citaram leitura de *blogs*. Três deste subgrupo informaram que poderíamos acrescentar na lista livros e revistas da área de Educação. Citaram autores como Paulo Freire, Emilia Ferreiro e a *Revista Nova Escola*.

As doze demais participantes, afirmaram ser leitoras de obras literárias. A este subgrupo agrada ler literatura sem desconsiderar os gêneros não-literários citados. A conversa enveredou pelo que leem. Mencionaram contos clássicos infantis e obras de Machado de Assis, mas o único título claramente citado neste momento foi *Branca de Neve* e, retomado mais a frente, no desenvolvimento da entrevista, não houve outra inserção na breve lista.

Interessante foi notar que todas as professoras com maior tempo de exercício da carreira docente, cerca de 10 anos, foram as que informaram não ler obras literárias, constituindo um terceiro subgrupo. Outro dado inicial anotado, quando as perguntas para todas as participantes foram direcionadas para os cenários de leitura dos quais participavam fora da escola ou distantes da atividade de planejamento, apontou para o fato de a literatura tornar-se ausente de todas as respostas.

Sobre isso, consideramos a relação entre a leitura e a literatura nas práticas sociais das professoras definida e experimentada nos tempos e espaços relacionados às atividades de planejamento didático. A ligação das professoras com a literatura e com a

literatura, incluindo-se aquela convencionalmente voltada para as crianças, é mediada pelo trabalho que precisam desenvolver para alcançar metas de aprendizagem dos alunos na educação infantil. esse é um ponto que sofre a incidência do cenário das práticas de leitura das professoras.

De nosso ponto de vista, se é relevante que as professoras participantes abram e garantam o espaço para a leitura nas salas de aula de educação infantil, a pequena variedade de gêneros que participam das práticas das professoras como leitoras, principalmente de seus encontros com a literatura, constituem uma variável que incide sobre os critérios que utilizam para a escolha das obras a serem lidas em sala de aula na educação infantil.

De modo bastante instigante, a suposição que aparece, então, é que a citação a Machado de Assis deva-se à reiteração no nome e da leitura de algumas de suas obras durante o percurso escolar anterior, como a menção a contos clássicos que leem fora dos momentos da docência deva-se a sua presença nas salas de aula no dia a dia atual. Entremeadas nas respostas das professoras dos dois primeiros subgrupos, pensando na menção a Machado de Assis em comparação à ausência de outras referências, as aproxima do terceiro subgrupo composto por participantes que não leem fora do tempo escolar.

Maria Alice Faria (2012), quando trata da importância dos professores serem leitores, nos oferece reflexão interessante a respeito do que vimos apontando. O envolvimento do professor com o livro e a leitura precisa ser amplo, envolver a vida, todo o cotidiano movido por um desejo de adentrar ao universo dos gêneros literários. Assevera Faria (2012, p.43) “o professor precisa ler primeiro essas obras como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem pensar na sua utilização em sala de aula”. Portanto, o professor leitor avança em relação ao não leitor, principalmente se incluir a leitura literária. Identificamos uma obra literária pelo seu modo estrutural, pela linguagem, pelo conteúdo, uso de recursos estilísticos e expressivos, aspectos que oferecem tanto para crianças como para os adultos as mais diferentes reações emocionais, e, mais do isso, conhecimento, pois exige mais do leitor cada vez mais refinados processos cognitivos para a produção de sentido e textualidade.

O professor precisa ser o leitor que percebe o significado da obra literária. Sob a condução do professor mediador de leitura, porque também leitor, desenvolver nas práticas pedagógicas atividades com textos e intenções variados, principalmente para alunos que estão iniciando no processo de aprendizagem escolar, oportunizará que

desenvolvam habilidades de leitor e chances de tornar pleno de vida cada momento de leitura. Marques (2006), além de citar os diversos instrumentos de aprendizagem que os professores podem desenvolver em sala, também expõe a importância desses recursos.

Para criança e adolescente, narrar, poetizar, cantar, jogar com as palavras- tudo isso é sedutor exercício de investigação e experimentação. E onde existem investigação e experimentação, sabemos nós educadores, aí está o terreno para a construção do conhecimento. (MARQUES, 2006, p. 57).

O professor da educação infantil que lê em sala para os alunos com cuidado na entonação de voz, tem intimidade com a história e com o universo da arte literária, tão amplo e vasto de temas, estilos, formatos, autores e suportes, sabe dar pausas, usar o corpo demonstram saberes importantes para a formação dos meninos e meninas.

Francisco Marques ainda reconhece no ato de ler para o outro um ato inventivo, seja para contar o acontecimento ou “apalavrar” o imaginado. E toda a sua inventividade reside no detalhe: evidenciar uma palavra, iluminar uma pausa, desdobrar um gesto, incorporar a participação dos ouvintes, buscar um tom de voz, encaixar um comentário, introduzir um personagem, arquear as sobrancelhas. (MARQUES, 2006, p.55.)

Para atender às demandas da leitura para as crianças da educação infantil, o professor precisa, antes de tudo, ser um leitor. Este traço incide nas escolhas dos livros. Uns mais que outros permitem criar os cenários de leitura indicados para a fruição, recheados de sentidos trazidos pelo mediador de leitura em pleno exercício. Saber analisar quando o texto é literário ou não literário, mesmo quando o seu público indicativo é o infantil, também se torna uma questão fundamental. Pensamos que a discussão sobre os critérios de escolha a serem utilizados pelo professor começa exatamente nas condições que o ele desenvolveu como leitor capaz de encantar-se, mas de ser exigente quando observa a realização estética das obras.

Quando trazemos essas primeiras questões para o espaço deste artigo, tratamos da tensão que precisa existir e manter vivas as relações entre o texto literário, a escola de educação infantil e o cenário de leitura que necessita ser constituído no início da educação básica. Torna-se imprescindível a mediação do professor leitor no processo que se propõe como iniciação da escolarização do aluno leitor. Aparecida Paiva ratifica que não se trata de algo pouco complexo. A autora compreende que:

Tornar o hábito da literatura uma prática prazerosa no dia-a-dia da criança é uma tarefa que desafia o educador. Para superá-la, sua capacidade de analisar criticamente os textos disponíveis no início do processo de escolarização, exatamente o momento do processo que estamos focalizando nesta investigação, tem que possibilitar uma leitura que favoreça uma construção de sentidos, abrangendo diversas linguagens - corporal, a plástica a imagética, a musical. (PAIVA, 2006, p. 125).

Considerando o conjunto de fatores apontado pelos teóricos, os critérios de seleção que, efetivamente, as professoras da educação infantil utilizam, apresentam-se intrinsecamente conectados às suas práticas de leitura. Contudo, os dados parecem ter anunciado que ler literatura não envolveria ler literatura infantil. Estaríamos frente a uma linha fronteira na representação das práticas escolares e as práticas sociais, quando o tema é a leitura, principalmente, a leitura da literatura? Ainda uma última provocação para pesquisas posteriores sobre os cenários das práticas de leitura literária.

Os critérios de escolha da literatura a ser lida para as crianças pequenas

Os livros que apresentam maior proximidade com a discussão de determinadas temáticas morais e com conteúdos a serem ensinados, apareceram como mais relevantes para as professoras participantes, no momento da escolha. Ao lado daqueles traços, aspectos do objeto literário, por exemplo, a extensão do texto em contraponto com o número de páginas e marcas de estilo da ilustração também compareceram como critérios de escolha da obras.

No primeiro caso, o livro é selecionado pelo conteúdo moral da história, capaz de para as participantes, mobilizar os meninos e meninas para pensar sobre acontecimentos à luz da realidade social, do ponto de vista do julgamento moral. Nesta perspectiva, o texto literário traria para as situações de aprendizagem, os conteúdos voltados para os valores humanos, como necessidade de partilha, o valor da amizade, o respeito ao meio ambiente, o senso de justiça, amor ao próximo, respeito aos mais velhos, obediência às leis.

É possível tecermos ponderações sobre o fato de a literatura plasmar a subjetividade enredando o leitor no conflito apresentado na narrativa e, mesmo, indicar a necessária afecção que provoca a obra: sim, a literatura mobiliza o leitor a pensar a si mesmo e ao mundo. Se os motivos priorizados pelas professoras quando escolhe uma obra literária a ser lida para as crianças na sala de aula de educação infantil, de certo

modo, são pertinentes e, mais do que isso, estão esteticamente constituídos, em nada a tomada de posição das professoras seria desabonadora, a princípio.

Contudo, temos por parte das professoras a indicação de que os motivos citados seriam mobilizados como lições morais, exemplos de problemas causados por desrespeito à conduta adequada e às normas de convivência social e, a posterior apresentação de um modelo de conduta correta pelos personagens. Nesse sentido, as participantes anunciam um princípio que tece as escolhas: a possibilidade de a leitura literária moralizar e tornar adequado o comportamento dos meninos e meninas. A aposta se dá em torno de que ouvir as histórias poderia ensejar a concordância por parte dos alunos em adotar novos comportamentos. Motivos como aprender a escovar os dentes e a atravessar a rua de modo seguro também se encaixariam aqui. Ganha, notoriamente, aos olhos das participantes, grande chance de ser escolhida uma obra que, pedagogicamente, ensine algo às crianças, explicitamente, ou de modo velado.

Os aspectos arrolados pelas professoras sugerem a existência de um imaginário no contexto que as envolve, segundo o qual à escola caberia o trabalho com literatura para ser lida nos momentos de formação, especialmente, diferente daquela para ser lida em outros espaços. Posição problemática porque tanto separa a literatura infantil da arte literária, como também reforça que a leitura literária por crianças se faz na escola, é tarefa escolar e serve para ensinar algo que deverá mudar o comportamento da criança para melhor. Paiva corrobora a existência dessa dicotomia (2006, p.129): “[...] a produção, para escola, de uma literatura destinada à criança [...] uma literatura é produzida para escola, para os objetivos da escola, para ser consumida na escola e pela clientela escolar”.

Será mesmo necessária essa divisão, segundo a qual há uma literatura para a escola e uma literatura fora - ou livre - do contexto escolar? Os processos de produção de sentido que envolvem a leitura e a leitura literária são aspectos que precisam de melhor compreensão pelos atores sociais envolvidos nos processos de formação escolar em toda a educação básica, incluindo a Educação Infantil. Contudo, e nisto concordamos inteiramente com a proposição de Paiva, em última instância, não há controle sobre os caminhos e a configuração dos sentidos produzidos pela leitura. É o leitor, ou seja, “[...] as crianças é que vão determinar a contribuição desse tipo de texto para o processo de alfabetização, e iniciação de um processo de leitura literária.” (PAIVA, 2006, p.128). E não à força dos temas moralizantes. A escola não controla os trânsitos entre o leitor e livro, mediado pela subjetividade implicada na produção de

sentido na qual resulta o ato de ler. Desse modo, a preocupação com uma explícita presença de valores humanizantes e moralizantes nos textos é algo que ocorre aos mediadores, contudo, a literatura bem realizada envolve a subjetividade. A nossa discussão aponta para contribuições do professor que a insere nas suas práticas de ensino, para a apreciação uma das mais belas obras de arte e, deste modo, deixar-se arrastar por variadas emoções e sentimentos. Julgamos que os valores humanos estejam mobilizados nas obras de valor estético e não necessitem de explicitação didática através de exemplos ou modelos, muito menos em linguagem simplificada, para serem detectados pelas crianças pequenas.

Admitimos que a escolha dos livros a serem lidos pelo professor para as crianças não precisa desconsiderar a intencionalidade de suas ações na sala de aula, o alcance das metas de aprendizagem, a implementação do currículo. Tais preocupações precisam estar necessariamente no horizonte do professor por força de ofício, mas as escolhas didáticas não precisam dificultar a compreensão e a interpretação do texto e, muito menos, o acesso do aluno a um status em que o literário implique, no seu movimento próprio, pensar ao mundo e a si mesmo. Isto nos remete a outro rol de critérios apontados pelas professoras. O estilo do autor, o livro, a ilustração, o motivo etc – ou seja, aspectos do suporte e do texto literário para crianças - são os aspectos a serem enfatizados pelo professor ao escolher um livro e levá-lo para a sua turma de Educação Infantil.

A posição que priorizamos acolhe como necessidade que o professor apresente proposta de ação educativa diferente das práticas fincadas no uso da literatura como pretexto para ensinar conteúdos escolares, as quais normalmente não levam em consideração a relação estética com o texto literário. Elisa Meirelles destaca os erros mais comuns durante a leitura que são:

Ignorar as opiniões das crianças. Ouvir as considerações da turma e estimular esse compartilhamento ajuda a criar o gosto pela literatura. **Impor uma interpretação.** Ao terminar o livro, o educador "resume" sua visão da história - e não percebe que ninguém é obrigado a ter a mesma opinião. **Substituir o livro por figuras ou fantoches.** Variar o modo de ler é desejável - mas não se pode esquecer que a hora de leitura precisa de um livro. **Ater-se aos clássicos.** As crianças adoram os contos de fadas, mas é essencial apresentar outros gêneros, como a poesia. (MEIRELLES apud ABRAMOVICH, 1993, p. 39).

Escolher um texto literário para leitura a ser feita pelo professor para as crianças pequenas, não pode, em hipótese alguma, prescindir de levar em consideração o lugar

de leitor que ocupam ambos naquele momento: a mediação precisa voltar a atenção de todos ao texto. Na linha que aponta Elisa Meirelles, acima referida por Abramovich (1993), não é possível alcançar o mesmo efeito no leitor quando o mediador interpõe anteparos encobrindo, turvando ou regulando o acesso ao suporte, ou quando o adulto minimiza o leitor por se tratar de uma criança. Muitas crianças ouvem histórias com ajuda de outros leitores, seu irmão mais velho ou seu pai, contudo há aquelas que dependem exclusivamente da leitura feita pelo professor na escola para ter acesso à literatura. Por isso, a necessidade de atribuir rigor à mediação da leitura literária em sala de aula: que seja, efetivamente, literária.

Do que foi enunciado nas entrevistas com as professoras, o critério incontornável, impossível de burlar dentre os apontados é parte do que identifica a literatura infantil: a ilustração. Aproxima-se mais da consideração do objeto literário. No momento da leitura, as professoras afirmam que expõem o livro para os alunos acompanharem a narrativa a ser lida “através das ilustrações”, das imagens. Pensamos que esse procedimento signifique que vão mostrando o livro ao longo da leitura, mas denota a priorização das imagens devido ao fato de as crianças não estarem alfabetizadas. No mesmo movimento, podemos entender a intenção em escolher o livro também pela extensão do texto escrito.

Na entrevista, ainda, as participantes citaram a relação da história com o universo imaginário da criança cuja mobilização seria facilitada pela ilustração. Então, para as participantes, o livro tem maiores chances de ser escolhido para compor os momentos de leitura em sala de aula de Educação Infantil quando a linguagem é adaptada, reconhecem a adequação do conteúdo à faixa etária, a ilustração é chamativa. Acrescida menção feita por uma das participantes sobre o autor do livro ser conhecido pelas crianças, temos uma lista de critérios que agrega características aceitáveis do ponto de vista dos estudos literários para a escolha do livro a ser lido. Contudo, cabe observar os motores dessa eleição de critérios.

Proença Filho (2007, p.7) explica que “o texto da literatura é um objeto de linguagem [...] associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético”. O texto de valor literário permite apresentar-se nas mais diferentes formas, que funcionam, ao lado de outros recursos estilísticos, para abrir o campo de sentidos. Isto é o que Proença Filho chama de conteúdo estético do texto.

A linguagem literária - concretização de uma arte, a literatura- é marcada por uma organização peculiar. A arte é um dos meios de que se vale o homem para conhecer a realidade. Esta última se efetiva na constante relação entre homem e mundo, vale dizer, entre sujeito e objeto [...]. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 15).

A literatura permite às crianças aproximar-se e conhecer sua própria linguagem, a partir do discurso tratado em sala, permitindo a significação das palavras, através da arte de fruir o texto. Paiva descreve:

A linguagem que constrói a Literatura Infantil se apresenta como mediadora entre a criança e o mundo, propiciando um alargamento no seu domínio linguístico e preenchendo o espaço do fictício, da fantasia, da aquisição do saber, a produção literária para criança – o livro de imagens. Ela desvela o maravilhoso, o ilimitado, o maleável e o criativo universo infantil, explora a poesia e suscita o imaginário. (PAIVA, 2006, p. 129).

Os critérios informados pelas professoras participantes, apontados acima, são constituídos de modo intuitivo, movidos pelo trabalho pedagógico a ser realizado, e não pela mediação de suas experiências como leitoras. Mesmo assim, podemos admitir que conseguem agregar aspectos levantados pelos teóricos que se dedicam à literatura infantil, também como procedimentos para conhecer a estrutura da narrativa. Faria (2012, p.9) expõe dois aspectos básicos da literatura para criança: a ilustração como elemento constituinte do livro em suas diferentes funções e, em particular, na sua articulação com o texto escrito e a estrutura narrativa como uma das “ferramentas literárias” básicas no estudo da literariedade do livro para criança.

Deste modo, os critérios enunciados pelas professoras entrevistadas, pautados na utilização da ilustração não fogem, de modo algum, do que é perfeitamente recomendado que se faça presente. Contudo, quando se explicita a ausência do olhar das professoras para a sua articulação com os elementos da narrativa, sua opção se torna apenas intuitiva e deixa de potencializar aprendizagens relevantes para a formação efetiva de leitores.

Ricardo Azevedo (2005 *apud* CORDEIRO, 2006, p. 92) expõe como pistas para a abordagem do texto literário a preocupação com a estrutura da narrativa e reforça nossa posição: “é pela literatura que escritor e leitor realizam sonhos, alimentam fantasias, desejos e utopias, prefigurados em seus **enredos, personagens e cenários**, catalizadores das polaridades e ambiguidade humanas”. (grifos nossos)

Sendo assim, se a ilustração é parte constituinte do livro dedicado às crianças, não pode ser considerada fora do registro da narrativa. Podemos perceber que o grupo de professores que informam a ilustração e imagem como critério, aproximam-se mais da consideração do objeto literário, o que é salutar. De fato, esse é um dos critérios que não pode deixar de ser observado, pois conforme explica Faria, a relação ilustração e texto escrito precisa levar em conta que:

[...] entrosam-se, completam-se, com a ilustração destacando os momentos significativos da história e facilitando a sua compreensão pela criança, enquanto o texto escrito dá mais detalhe sobre o que se passa, sem desviar a leitura das funções específicas do escrito e de seu componente literário. (FARIA, 2012, p. 38).

Faria também explica essa relação da imagem no texto. Discute que a função da imagem no livro ilustrado seria a de “criar/sugerir/complementar o espaço plástico” a imagem tem a função de apresentar mais informação do que o texto. (FARIA, 2012, p. 39).

Todos esses procedimentos agregam provocações aos ouvintes para iniciar o seu percurso de leitor. O fato, então, de se priorizar a escolha de obras adaptadas ou com menor extensão de texto, não é desabonador em si mesmo. É importante frisar que a literatura infantil é literatura, e mantém-se enquanto tal pela coerência na elaboração de seu texto e utilização de recursos expressivos pelo autor e ilustrador que possam, muito longe de moralizar, levar a criança a pensar sobre si e sobre o mundo, no percurso de tornar-se mais sensível e fluente. Do mesmo modo, lidar, interagir com tais recursos expressivos e com a linguagem própria do discurso literário engendra condições de as crianças da Educação Infantil ampliarem seu domínio dos vários conteúdos escolares relacionados com o que encontram nos livros, como um efeito paralelo, se podemos dizer assim, desde os aspectos linguísticos até as marcas da narrativa, sem deixar de contemplar a influência no processo de construção do sistema de escrita alfabética. O problema que estamos apontando nesta análise se coloca quando tais conteúdos escolares são os motores das escolhas dos livros a serem lidos para as crianças pequenas. Literatura infantil é literatura e, enquanto tal, é arte e não pretexto para aprendizados de Ciências ou Matemática, ou mesmo Língua Portuguesa. Concordamos com nossos autores do aporte teórico e supomos que concordassem conosco quando identificamos a necessidade de incluir maior destaque ao estudo da literatura na formação de professores para atuarem na Educação Infantil.

Necessário frisar, porém, que as escolhas dos professores sobre que livros ler para os alunos da Educação Infantil possa tornar-se mais consciente das relações entre os crianças pequenas no seu percurso de leitores, vistos pelas professoras como capazes de vivenciar práticas culturais relacionadas à leitura literária, mesmo não sendo ainda alfabetizados. Desse modo, estarão ampliando as suas chances em dar os primeiros passos junto com os alunos, em um percurso de ambos, - professoras com as crianças - para formar leitores capazes de desenvolver sua própria habilidade crítica, com autonomia nas suas atitudes e opinião.

Ler para as crianças da Educação Infantil

Para se estabelecer os critérios de escolha das obras literárias a serem lidas às crianças pequenas não se pode escamotear os pontos problemáticos que envolvem tais práticas. Se é relevante priorizar a utilização de livros na sala de aula, a mera entrada do suporte ou o seu manuseio pelos alunos não encerram as questões da escolarização da literatura.

Um das justificativas apresentadas não apenas pelas professoras entrevistadas, mas também pelos nossos alunos na licenciatura em Pedagogia, por exemplo, para a entrada da literatura infantil nas salas de aulas dos pequenos é sua associação com a realização de “atividades diferentes” que atrairiam as crianças. Com base no que vimos discutindo até aqui, esta posição tácita seria perfeitamente confrontada. No entanto, podemos acrescentar ainda que quando os textos literários ganham lugar no centro de processos de ensino e de aprendizagem não como pretexto mas como arte literária em processos de mediação coerentes, talvez a tão desejada “atividade diferente” daquelas que a escola faz aparecer em suas salas de aula de educação infantil, ganhe a característica novidadeira, simplesmente por romper com uma abordagem conteudista enviesada pedagogizante. O diálogo entre autores e público leitor, envolvendo e dando destaque para a presença do professor e da escola potencializa que a literatura adentre seu espaço e que as crianças, como também o professor, possam ser parte do processo cultural, como leitores das obras.

As professoras participantes e o trabalho docente desenvolvido por elas, precisamos frisar, possui a relevância de permitir a entrada da literatura na sala de aula da Educação Infantil. Contudo, essa abertura é frágil devido ao modo como a literatura, incluindo-se aquela convencionalmente voltada para as crianças, participa de universo

cultural das participantes. A abertura dada para a presença da literatura infantil na escola é a necessidade engendrada pelo trabalho pedagógico que precisam desenvolver para alcançar metas de aprendizagem dos alunos na educação infantil. Mantém, então, a construção de linha fronteira entre as práticas escolares e as práticas sociais de leitura, principalmente, a leitura da literatura. Como a linha é tênue, impõe-se a necessidade de torná-la mais clara para que o professor possa trilhá-la de modo mais consciente e intencional.

Aprendemos muito sobre estas relações problematizadoras da prática docente com as reflexões de Soares (2007, p.20), que traz para o centro do debate o aspecto paradoxal da relação entre escola e literatura. A autora defende a posição de que “não há como ter escola sem ter escolarização de conhecimento, saberes, artes, mais que o papel da escola está indissociavelmente ligado à constituição de saberes escolares”.

Se o processo de escolarização é inevitável, é necessário enfrentar os desafios de gerenciar a relação, no mesmo lugar, da planificação com a fruição, o que depende das decisões que os professores tomam sobre o seu trabalho docente. Magda Soares (2007, p.42) defende “a possibilidade de descoberta de uma escolarização adequada da literatura, que obedecesse, no momento da leitura, a critérios que preservem o literário, que propiciem ao leitor a vivência do literário e não uma distorção ou uma caricatura dele”. Para a autora, tais critérios conduziram a leitura literária que ocorre no contexto social, extrapolando os muros escolares, as atitudes e aos valores próprios do ideal de leitor que se quer formar. Para tanto, vale reforçar aqui o papel do professor mediador da leitura literária nas escolas.

Se concordarmos que é ideal que se realize o momento da leitura não como uma obrigação a cumprir, muito mais importante é apoiar que os professores lancem mão dos motivos adequados para ler na escola e que isso seja rotineiro aos olhos da criança. Não consideramos um problema ou uma distorção que os critérios de escolha dos professores sejam permeados pela intencionalidade que precisam imprimir à sua prática, quando a leitura literária entra em seu planejamento. O desafio, grande quando os professores são leitores ou possuem pouco repertório, é não perder de vista a arte implicada na literatura.

Considerações finais

Com as professoras participantes das entrevistas pudemos vislumbrar aspectos que marcam o trabalho de leitura literária no dia-a-dia das crianças nas escolas de

educação infantil. Considerando o que expusemos, despertar, incentivar o gosto pela leitura está diretamente relacionado com as condições do fazer da sala de aula dos pequenos, um cenário em que a leitura possa tornar a escolarização da literatura mais sensível e humanizadora. As decisões do professor na sala de aula dos pequenos poderão ensejar que levem a leitura como conhecimento para além do universo escolar. Levarão saberes para todos os lugares, em todos os momentos da vida. Este não é o sentido da arte?

E em relação aos diferentes textos, o professor de educação infantil tem que estar atento aos dois motivos pelos quais eles são importantes na escola: primeiro, permitir o acesso ao texto literário, democratizando o espaço escolar; segundo, preservar sua especificidade de linguagem artística. Ao lado disso, afirmamos que continuar escamoteando a reflexão rigorosa sobre como professores se tornam mediadores de leitura nos cursos de formação inicial apenas continuará mantendo a fragmentação do aprendizado escolar lá na ponta, na escola de educação básica, cujo primeiro momento é a educação infantil.

Incluir com destaque na formação inicial e continuada as discussões sobre os critérios de escolha de livros a ler para os alunos e as práticas de leitura literária na Educação Infantil por professores e crianças, torna-se premente.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1993

CORDEIRO, V.M.R. Escritores e Leitores. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (org.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 91-95.

COSSON, R. **Literatura: modos de ler**. 2011. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocosson.pdf>> acesso em 20 de setembro de 2016.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

MARQUES, F. Contadores de Histórias Aventura Partilhada. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (Org.) **Prática de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 55-57.

PAIVA, A. Alfabetização e Leitura Literária. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 126-130.

PROENÇA FILHO, D.P. **A Linguagem Literária**. 8.ed.São Paulo: Ática, 2009, 95 p

SOARES, M. A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, A. A; BRANDÃO, H.M.B; MACHADO, M.Z.V. **A Escolarização da Leitura Literária; o jogo da literatura infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Enviado em: Julho 2018.
Aceito em: Setembro 2018.

Como referenciar este artigo

LIMA, Marcia Machado de. Literatura na Escola de Educação Infantil: critérios de escolha das obras. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 5, n. 12, p. 99-113, set/dez, 2018. Disponível em:
<<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index>>. e-ISSN: 2359-2087.